



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

A brilhante desconstrução francesa da confusa psicossociologia de Judith Butler
La brillante déconstruction française de la psychosociologie confuse de Judith Butler
The brilliant French Deconstruction of Judith Butler's confused psychosociology

Tania Coelho dos Santos

Orcid: [0000-0002-5360-7864](https://orcid.org/0000-0002-5360-7864)

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII (Paris, França)
Professora Associada nível IV no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Pesquisadora do CNPQ nível 1 C. Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)
Psicanalista Membro da École de La Cause Freudienne (Paris, França), da Escola Brasileira de Psicanálise (São Paulo, Brasil) e da Associação Mundial de Psicanálise (Paris, França)
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (São Paulo, Brasil)
E-mail: taniacs@openlink.com.br

Resenha do livro¹:

Marty, É. (2021). *Le sexe des modernes: Pensée du Neutre et théorie du genre*. Paris: Fiction&Ce/Seuil, Université de Paris.

Éric Marty é *professeur agrégé* de letras modernas e obteve seu Doctorat d'État em 1996 sobre a obra de Gide. Ensina literatura contemporânea desde 1998 em Paris VII e é membro sênior do Instituto Universitário da França. Seu encontro com Roland Barthes em 1976, como ele mesmo relata em seu livro *Roland Barthes, le métier d'écrire*, foi decisivo para sua orientação intelectual. *Le sexe des modernes* nasceu destinado a se tornar um clássico. Quando afirmo isso, não se trata de pura retórica. A erudição de seu autor corta o fôlego do leitor. A agilidade que demonstra ao atravessar a obra de diversos autores da modernidade francesa - que se popularizou nos Estados Unidos por meio da alcunha de "*French Theory*" - sem jamais se abandonar a análises superficiais, já seria motivo suficiente para admirar essa obra. Porém, não se trata apenas de uma revisão competente desta literatura. Éric Marty abraça um projeto de exame crítico da apropriação indevida pelo pensamento sociológico americano de autores tais como Jacques Lacan, Roland Barthes, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Michel Foucault, à serviço da ideologia de gênero, do ideal psicossociológico de desconstrução e de sua radical redução da lei simbólica à norma social.

O gênero, ele esclarece, é "a última grande mensagem ideológica do Ocidente enviada ao resto do mundo". Ela abala a crença fundamental no caráter natural da diferença entre os sexos. Essa mensagem instaurou eventualmente, pela força da lei, novas regras morais, normas gerenciais em grandes empresas internacionais e modificou as línguas graças a vocabulários novos povoados de novas siglas: LGBT+, MtF, além de um novo regime articulatório da expressão oral e escrita inclusiva. As resistências a essas mudanças não devem ser subestimadas, pois é possível observar a permanência – mesmo quando a ideologia de gênero parece reinar – de atitudes, comportamentos, hábitos enraizados

que exaltam o caráter natural dos sexos e a hierarquia de gênero, bem como normas sociais baseadas na distinção entre eles.

Segundo seu autor, a ambição deste livro é a de pensar o que gênero quer dizer em sua dupla dimensão: ideológica de nova evidência universal e conceitual de ferramenta epistemológica. Um instrumento ou método para desdobrar um real através de certos significantes e a partir de certos lugares de saber. Este livro responde à ambiguidade do gênero em sua relação à coisa sexual. Seria, talvez, muito simplificador pensar que o gênero – uma vez que apreendemos o sexo como construção social – não faria parte da história geral da diferença sexual. Existe ainda uma outra ambiguidade mais concreta do gênero que explica a segunda parte do título: pensamento do Neutro e teoria do gênero. O gênero é uma invenção americana, expressão evidente da ideologia americana à despeito da pretensão de inspirar-se na *French Theory*. O vocabulário inglês é indissociável das mensagens relativas ao gênero, ao ponto culminante que uma parte considerável daquilo que se veicula nesse campo dos estudos de gênero ser intraduzível pelas instituições, os espíritos, as mensagens publicitárias e as comunicações intelectualizadas.

O essencial da reflexão se apoia sobre a obra de Judith Butler, pois o autor encontrou nela um dispositivo de pensamento de grande unidade, e muitos instrumentos que já se tornaram clichês, conceitos *ready-made*, *passe par tout* tais como: performatividade de gênero, resignificação, *agency*... Ela retirou os gêneros das ancoragens da tradição contestadora dos campus universitários americanos, por meio de uma reflexão nova sobre o poder e os processos de dominação, através de uma adaptação de Foucault ao contexto americano. A pergunta que Éric Marty se faz é: por que Butler escolheu sustentar um pensamento de gênero essencialmente sociológico e psicossociológico, alimentado de pragmática e filosofia analítica por meio de arsenal teórico antagonístico daquele que foi chamado na França, nos anos 1970, de *a Teoria?* Transferida da Europa para os Estados Unidos, foi preciso uma vigorosa contra-transferência intelectual para desfazer o imenso labirinto de empréstimos aos mais importantes pensadores franceses para brincar o dispositivo discursivo do conceito de gênero. É preciso abrir sua história a uma contra-história que responda a questão: que fizeram os Modernos?

O volumoso livro de mais de 500 páginas divide-se em quatro partes. A primeira delas aborda o tema do Neutro e do gênero como uma questão de método. No primeiro capítulo trata-se de abordar a Ordem simbólica e o campo social. No segundo capítulo, trata-se da história de um conceito: a performatividade e o capítulo três aborda o tema da resignificação. A segunda parte se chama o sexo travestido. O primeiro capítulo trata da Drag Queen e travesti oriental. O segundo é sobre as invenções de Divine e o terceiro aborda Judith e Octavia. Na terceira parte o autor fala da invenção do Neutro. O primeiro capítulo aborda o tema do Neutro e da perversão. O capítulo dois trata de Derrida e da lei do incesto.

O segundo fio deste livro interroga, justamente, a aventura que embora muito próxima do gênero, tomou a via oposta. O pensamento do Neutro inventa uma categoria que é desconstrói

radicalmente a diferença sexual e a oposição masculino/feminino: o *degré zero* de Barthes, o *extra-être* de Deleuze e a *différence* de Derrida. Há alguma coisa, portanto que dialoga e ao mesmo tempo diverge entre a Modernidade francesa e os ideólogos do gênero. A obra destes três autores, muito inventiva aliás, mantém uma dependência ambígua com o pensamento lacaniano e seus principais conceitos: phallus, castração, incesto, a lei, o objeto *a*. Conceitos potentes e aptos ao trabalho de escrita, trabalho de uma singularidade que visa fazer signo implicando um corpo sexuado. De acordo com o autor, esse é o aspecto que melhor distingue os modernos dos teóricos do gênero, particularmente Judith Butler. Para os Modernos, o pensamento é acima de tudo uma escrita.

O sujeito do Neutro avança em direção à desconstrução da sociedade do medo, muito particularmente, de seu propósito de esconjurando as perversões. O pensamento do Neutro fará da perversão a via real para desconstruir as normas dominantes na questão sexual. Pensar essa categoria não foi apenas um trabalho de historiadores as ideias. Foi um trabalho crítico com respeito a uma nova moral dominante que emana – ainda que isso seja um grande paradoxo do ativismo LGBT como uma versão recente do vigiar e punir. Se houve alguém que rejeitou firmemente apegar-se a uma nova moral, foi Michel Foucault. Ele merecerá uma homenagem muito mais extensa ainda do que os demais.

A quarta parte intitula-se, justamente Michel Foucault, o pós-europeu, A lei, a norma e o gênero. O primeiro capítulo faz a genealogia de uma ruptura na obra de Foucault. O capítulo 2 retoma *A vontade de saber* como um livro problemático, a redução da teoria à ideologia e finalmente e as duas vertentes da modernidade. O terceiro capítulo retoma os temas do biopoder e das posições epistemo-políticas contrárias à ordem simbólica. O real sem lei e a hipótese de um Foucault neoliberal surgem ao final dele. O capítulo quatro sobre a questão sexual é muito mais surpreendente. Nele, Éric Marty nos apresenta sua tese de que Foucault defendeu a política de comunidades monossexuais para enfrentar os efeitos de poder do dispositivo de sexualidade e promover a dessexualização contra os Modernos. Entre eles, ele teria elencado inclusive todos os gêneros: LGBTQI+. A tese central desse livro é arrebatadora. As comunidades monossexuais não são comunidades homossexuais. Não se trata de combater a heteronormatividade como Judith Butler propõe. Trata-se de combater o **sexo Rei**. Tratava-se de avançar uma política dos prazeres que nos livre do império da sexualização generalizada.

Nota:

1. Esta resenha também será publicada brevemente em número da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*.

Citação/Citation: Coelho dos Santos, T. (mai. 2021 a out. 2021). A brilhante desconstrução francesa da confusa psicossociologia de Judith Butler. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 16(32), 166-169. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2019v16n32p166-169

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/Received: 09/04/2021 / 04/09/2021.

Aceito/Accepted: 23/04/2021 / 04/23/2021.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.